



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

IMAGENS TAUTOLÓGICAS

Almerinda da Silva Lopes

UFES

Reconhecido pela ousadia de sua produção escultórica, em especial a de natureza cinética, elaborada ao longo dos anos de 1960 e 1970, agregando movimento, luz e som, o capixaba, radicado no Rio de Janeiro, Maurício Salgueiro, produziu, no entanto, nas décadas seguintes, diferentes imagens e sintaxes artísticas, que embora menos conhecidas, atestam igualmente o potencial criativo do artista. É o caso da série denominada *Polivisões*, que hibridiza fotografia e objetos descartados de cozinha, de alumínio e de bojo circular. Subvertendo a praxe e a gramática adotada na escultura, Salgueiro rompe as especificidades das linguagens e dos meios, levando às últimas consequências um processo de destruição e desconstrução da volumetria dos objetos tridimensionais industrializados, planificando-os e cortando-os, hibridizando-os com outros meios. Coloca esse fragmento planificado do objeto sobre uma superfície/suporte/fundo negro, em contigüidade à imagem fotográfica da outra metade do objeto, criando assim uma totalidade imagética paradoxal, que nada mais é que o simulacro daquele objeto.

Para efetuar a planificação da volumetria, estabelece uma ação tanto de transformação e simplificação, quanto de geometrização e fragmentação, cortando os objetos exatamente ao meio e com batidas de martelo transforma a antiga volumetria em superfície plana, respeitando e não interferindo, no entanto, na espessura do metal ou na matéria de



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

que se constitui o objeto industrial, nem nas marcas ou na memória do tempo que ele agrega: pequenos amassados, riscos, soldas, parafusos, cabos ou pegadores, texturas do metal e marcas do fogo, são mantidos sobre a pele do metal. Uma das metades do objeto é fotografada com uma câmara de alta resolução, sobre um fundo preto, de maneira a manter as características ou as ocorrências que se desvelam na superfície do metal, inclusive a fidedignidade das suas tonalidades; a outra metade do objeto é colada em contiguidade à fotografia, sobre a mesma base preta, de maneira a não permanecer qualquer vestígio da precisa junção, gerando a ilusão de um todo indivisível, pois o olho não consegue perceber que se trata de imagem compósita, articulada por meios antagônicos. O artista formaliza tautologias visuais, que ampliam a reflexão sobre as imagens, realizando uma operação que mantém sintonia com as práticas conceituais.

Polivisões, imagens contaminadas, Maurício Salgueiro